



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO NO  
BRASIL: reflexões**

**Miriam Regiane Dutra**

**Ensaio APB, n. 76**

**APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB**

**A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO NO  
BRASIL: reflexões**

**Miriam Regiane Dutra**

**Ensaio APB, n. 76**

*R. Maestro Cardim, 94 - Tel/Fax (011) 285-3831 - Liberdade - São Paulo - SP - Cep: 01323-000- e-mail [apb@nw.com.br](mailto:apb@nw.com.br)*

**APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB**

**A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:  
reflexões**

**Miriam Regiane Dutra**

**Ensaio APB, n. 76**

**São Paulo  
Março  
2000**



- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. 1994.
- 4 - MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibioporã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FÁRIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaucia Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depreciação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de testes monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agorá informacional. Jun. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina Maria Juvenal, PEREIRA, Raquel Guimarães, LIMA, Geysa Flávia Câmara de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 69 - FIERLI, Rosa de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99.
- 71 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A atividade de investigação em Ciência da Informação. Out. 99.
- 72 - PEREIRA, Enidélci A. Zaquia et al. Agentes de Tecnologia: uma experiência de estágio na área de informação e gerência do Curso de Biblioteconomia da UEL. Nov. 99.
- 73 - SOUZA, Samuel R. M. de. Como fazemos as coisas por aqui? Bibliotecários e Cultura Organizacional. Dez. 99.
- 74 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 1. Jan. 2000.
- 75 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 2. Fev. 2000.
- 76 - DUTRA, Miriam Regiane. A indústria da informação no Brasil: reflexões. Mar. 2000.



# A INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: reflexões

Miriam Regiane Dutra <sup>(1)</sup>

## 1 A informação no contexto mundial

Nesta atual situação mundial, mudanças tecnológicas estão acontecendo no mundo todo. A globalização evidencia as dificuldades de países como o Brasil, para tornarem-se competitivos dentro do mercado internacional, que hoje é extremamente disputado.

A informação passou a ser considerada o principal recurso para o desenvolvimento econômico e social, mas ela é um bem de consumo igual a outro qualquer. Segundo Gaspar (1997, p.5), “é um dever do Estado, ou de suas instituições, oferecer este produto da melhor forma, com a melhor qualidade e da maneira mais acessível técnica e financeiramente.”

As novas formas de armazenar e recuperar a informação trazem grandes facilidades como o acesso rápido e a inexistência de barreiras geográficas. Assim, o governo torna-se um papel primordial neste contexto. Gaspar (1997, p.5) complementa: “compete aos governos em seus vários níveis, o papel de catalisador da evolução tecnológica da sociedade.”

Nos países de primeiro mundo, a preocupação com a informação para indústrias data da década de 70. Segundo Feingold, citado por Berto (1996), 55% dos profissionais norte-americanos estão ligados à indústria da informação.

Assim, fica bastante visível que países desenvolvidos estão conscientes do papel da informação e de sua importância para a sociedade atual. Silva (1995,

---

<sup>1</sup> Bibliotecária do Serviço de Referência e Informação da Rede de Bibliotecas da UNOESTE; Especialista em Uso Estratégico das Novas Tecnologias da Informação.

p.169) reforça: “os governos desses países decidiram colocar a informação como um dos principais objetivos de suas políticas nacionais. Por meio de menções explícitas e implícitas, a informação passou a fazer parte dos planos governamentais.”

A informação tornou-se fator de competitividade para os países, devido a grande concorrência internacional. Segundo Moura (1996, p.36), “o sucesso de qualquer organização passa pelo domínio e utilização do conhecimento necessário ao seu negócio.” Para isto, a informação torna-se um fator essencial para evidenciar riscos e ressaltar êxitos.

O Brasil, por ser um país em desenvolvimento, tem percebido de forma mais lenta que a informação muito contribuirá para sua própria melhoria. Gaspar (1997, p.5) afirma que “No Brasil, são inúmeros os esforços governamentais no sentido de incorporar novas tecnologias empresariais ao serviço público, mediante processos antiburocráticos e descentralizados.”

O Mercosul, mercado comum que reúne Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, está se consolidando e a informação pode ser um fator importante de integração, com troca de elementos que beneficiarão os países envolvidos.

Diversas mudanças estão sendo estabelecidas com os novos formatos que existem para o arquivamento de informações. A informação está acumulada em fontes de informação, como bases de dados, centros de pesquisa, bibliotecas, empresas, etc.

O profissional deve estar preparado pra efetivar a comunicação do conhecimento. Conforme Costa (1995, p.18) “o profissional deve estar atento às diversidades e mudanças, ser capaz de gerir eficientemente a informação gerada em função dessas mudanças, utilizar as tecnologias necessárias e apropriadas ao gerenciamento eficaz da informação.”

Finalizando, Costa (1995, p.20) completa: “a capacitação e a especialização requeridas destes profissionais em função das tecnologias de informação devem contribuir em última análise, para o desenvolvimento da sociedade.”

O profissional da informação deve portanto ficar bastante atento para o seu papel de fornecedor, intermediador, disseminador, gerenciador e selecionador da informação, o que nos dias atuais requer extrema responsabilidade, sensatez e flexibilidade.

O perfil tradicional deste profissional deve mudar. Conforme Rezende (1994, p.351), “o mercado de informação empresarial tem suscitado e exigido habilidades profissionais específicas, as quais, pouco ou nada são desenvolvidas pelos atuais currículos acadêmicos na área, voltados em sua maioria para a formação de profissionais bibliotecários, tutores de acervos e documentos, e não intermediadores (brokers) de informação ou ‘infomediários’.”

## 2 Informação Tecnológica e para Negócios

A informação destinada à indústria é conhecida como informação tecnológica. A literatura indica a segunda metade deste século como o marco do desenvolvimento desta informação voltada para mercados industriais.

Vários autores têm conceituado a informação tecnológica, visto que o assunto é bastante pertinente na atual conjuntura econômica brasileira. Moura (1996, p.36) define a informação tecnológica como “a organização do conhecimento humano à produção de bens e serviços para atender às necessidades de mercado.”

É necessário estar atento para todas as mudanças que acontecem ao nosso redor e administrar toda essa informação para elevar lucros e competir em mercados



estrangeiros. Klintoe, citado por Souza (1996,p.52), discute que “enquanto o termo informação para indústria concentra-se no atendimento da demanda de uma empresa, a informação industrial busca mostrar a dinâmica dos setores industriais.”

A informação destinada à questões sobre mercados, companhias, finanças e estatísticas é conhecida como informação para negócios. Moura (1996, p.36) ressalta que a informação bem gerenciada permite usar o conhecimento necessário para a organização da empresa de modo a obter produtos e serviços de acordo com o mercado, de modo competitivo.

Isto nos faz acreditar que a informação deve estar presente em todas as partes e atividades, buscando encontrar formas mais eficazes de alcançar os objetivos da empresa.

Pouco se conhece no Brasil sobre o assunto, o tema ainda é muito pouco explorado e acredita-se que os profissionais não estão totalmente capacitados para atuar na área.

### **3 A indústria da informação no Brasil**

Muitas definições sobre o que seja indústria da informação têm sido apresentadas por autores diversos nos mais diferentes meios de comunicação. Martin (1995, p.2) apresenta uma definição sobre indústria da informação retirada da Associação da Indústria da Informação (IIA) dos Estados Unidos que se refere àqueles organismos que provém produtos e serviços de publicações e de informação através de novas tecnologias, métodos de tratamento inovativo das informações.

Zurkowski, citado por Martin (1995, p.2), define indústria da informação da seguinte maneira:



“comprende a la industria de la información en torno a ocho segmentos, servicios de contenido, paquetes de contenido, servicios de facilitación, tecnologías de información, tecnologías integradoras, tecnologías de comunicación, canales de comunicación y canales de radiodifusión.”

No Brasil, a indústria da informação desponta timidamente. O governo brasileiro não está tão conscientizado da grande ajuda que a informação poderá estar trazendo para nossas indústrias. Por isso, é importante tentar criar esta conscientização nacional, a indústria da informação não pode passar despercebida, pois é ela que trará as inovações. Assim, nossas empresas podem competir e apresentar novas descobertas no mercado internacional.

Reforçando este grande estímulo que a indústria da informação pode gerar, Rezende (1994, p.351) expressa que “as empresas têm buscado reduzir custos, aumentar lucros e focalizar-se em seus negócios, ao mesmo tempo que incrementam a qualidade dos processos e produtos.”

A informação é extremamente importante pois a necessidade de atualização contínua para a indústria é algo tão necessário quanto a qualidade do produto ou serviço que a empresa está vendendo, pois é a informação que irá gerar qualidades importantes para o mercado internacional como qualidade, custo, produtividade e rapidez na entrega.

O IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) é uma das instituições brasileiras que está preocupada com a democratização da informação, capacitação dos recursos humanos e tem sido considerado como o órgão central da área de informação tecnológica no Brasil. Ele disponibiliza serviços especializados de informação através da Rede de Núcleos de Informação Tecnológica.

O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) também se destaca neste contexto brasileiro, prestando consultoria e informação empresarial em centros de atendimento espalhados pelo Brasil.

O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) fornece consultoria sobre tecnologias, serviços técnicos, fontes de financiamento, etc., à pequenos e médios empresários.

Outras entidades compõe a estrutura de informação tecnológica do país e que foram relacionadas por Montalli citado por Souza (1996, p.55) São elas: o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), a Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas (Abimaq), a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), a Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas), a Informações Objetivas (IOB), etc.

Borges (1995, p.187) destaca outras como a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Várias formas de aproveitamento da informação podem ser incorporadas no dia-a-dia da empresa, melhorando muitos aspectos. Souza (1996, p.52) afirma que “a organização de serviços de informação por setores pode facilitar a utilização de recursos compartilhados, minimizando custos e auxiliando na detecção de oportunidades de mercado e prospecção tecnológica.”

Na tentativa de se trabalhar compartilhadamente, os bancos de dados são produtos de instituições que oferecem informações à todo o público brasileiro. Os bancos de dados são reuniões de bases de dados, isto é, “fontes de informação computadorizada que podem ser pesquisadas em um modo interativo ou convencional por intermédio de um terminal de computador, telex ou mesmo um microcomputador.” (Cunha, 1994, p.183).

Os principais bancos de dados no Brasil são:

- ARUANDA/SERPRO (cadastros industriais, marcas e patentes)
- BIREME (área médica)
- CENAGRI (ciências agrícolas)
- CIN/CNEN (energia nuclear, física, eletrônica e energia elétrica)
- FGV (catálogo coletivo de livros e dados econômicos-estatísticos)
- IBICT (ciência da informação, catálogo coletivo de periódicos e teses)
- PRODASEN (concentração em direito e jurisprudência)

Finalizando, é importante ressaltar a necessidade de se tratar o perfil do usuário brasileiro de serviços eletrônicos, atualmente formado por profissionais liberais e empresas que reconhecem a informação como recurso capaz de apoiar suas atividades, com reflexos em custos e desempenho. (A informação..., s.d., p.1).

#### **4 Conclusão**

A indústria da informação no Brasil ainda caminha a passos lentos, em vista da capacidade que existe de atuar exaustivamente no mercado brasileiro.

O governo precisa estabelecer políticas adequadas à velocidade com que a informação se processa e tratar diferentemente as diversas regiões do país, que possuem diferentes níveis de desenvolvimento.

Tanto a informação tecnológica como a de negócios ainda são pouco utilizadas nas indústrias e mercados financeiros.

O progresso das tecnologias tornou o acesso à informação mais rápido e abrangente e o governo necessita investir na infra-estrutura desta indústria do conhecimento.



O Brasil está tentando elaborar projetos e tem alcançado algum fruto, mas ainda é muito pouco em vista dos países de Primeiro Mundo.

A tentativa de se criar um mercado para informação industrial no Brasil acontece em institutos isolados de pesquisas, como é o caso do IBICT.

Quanto aos profissionais da informação, cabe-nos divulgar este mercado de trabalho, mostrando oportunidades e melhorias nos serviços que possam ser realizados, como também é uma forma eficaz de divulgar nossa profissão e ser reconhecida e valorizada por ela, já que no Brasil, o profissional da informação é visto apenas como um agente cultural, e não como um profissional que pode contribuir para gerar lucros em empresas.

### Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Sofia Galvão. Empresário da informação: uma carreira alternativa para o bibliotecário. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v.19, n.2, p.219-233, jul./dez. 1995.
- BERTO, Rosa Maria Villares de Souza. Carreira do futuro ou o futuro da carreira? *Transinformação*, Campinas, v.8, n.1, p.1-14, jan./abril 1996. <http://www.pucamp.br/~biblio/berto> (28/10/98)
- BORGES, Mônica Erichsen Nassif. A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.2, p.181-188, maio/ago. 1995.
- COSTA, Eduardo Moreira da. *Tecnologias da informação e pesquisa: a experiência brasileira*. [http://www.dct.mre.gov.br/boston/cap4\\_moreira.htm](http://www.dct.mre.gov.br/boston/cap4_moreira.htm) (17/11/98)
- COSTA, Sely Maria de Souza. Impactos sociais das tecnologias de informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v.19, n.1, p.3-22, jan./jun. 1995.
- CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. *Ciência da Informação*, Brasília, v.23, n.2, p.182-189, maio/ago. 1994.

A INFORMAÇÃO ao alcance dos usuários. [S.l. : s.n.], [199-]. 4p.

GASPAR, Anaiza Caminha. Papel do Estado nos serviços de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.1, p.5-6, jan./abr. 1997.

GÓMEZ, Maria Nélide González de. A informação: dos estoques às redes. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.77-83, jan./abr. 1995.

MARTIN, William. *La industria de la información*. Santiago de Chile : CEPAL/CLADES, 1995. 9p. (fotocopiado).

McCARTHY, Cavan Michael. O impacto do Mercosul sobre a editoração no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.1, p.12-19, jan./abr. 1997.

MOURA, Luciano Raizer. Informação: a essência da qualidade. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.1, p.36-42, jan./abr. 1996.

REZENDE, Yara, MARCHIORI, Patrícia Zeni. Do acervo ao acesso: a perspectiva da bibliotecas virtual em empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v.23, n.3, p.349-352, set./dez. 1994.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. Informação: chave para o desenvolvimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.2, p.169-170, maio/ago. 1995.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de, BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Instituições provedoras de informação tecnológica no Brasil: análise do potencial para atuação com informação para negócios. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.1, jan./abr. 1996.

TEIXEIRA, Cenivalda Miranda de Sousa, SCHIEL, Ulrich. A Internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.1, jan./abr. 1997.